



ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

# IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 12, Issue, 04, pp. 55455-55459, April, 2022

<https://doi.org/10.37118/ijdr.24407.04.2022>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

## ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NA PESQUISA CLÍNICA

Carlos Henrique Oliveira Santos<sup>1</sup>, Dorothea Batista Parreiras<sup>1</sup>, Daniela Aparecida Morais<sup>1</sup>,  
Claudirene Milagres Araújo<sup>2</sup>, Brisa Emanuelle Silva Ferreira<sup>1</sup>, Luciana Alves Silveira Monteiro<sup>2</sup>,  
Raissa Cunha Mello Friche<sup>2</sup> and Camila Augusta dos Santos<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Centro Universitário de Belo Horizonte, Belo Horizonte (MG), Brasil

<sup>2</sup>Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais, Belo Horizonte (MG), Brasil

### ARTICLE INFO

#### Article History:

Received 17<sup>th</sup> January, 2022

Received in revised form

26<sup>th</sup> February, 2022

Accepted 14<sup>th</sup> March, 2022

Published online 27<sup>th</sup> April, 2022

#### Key Words:

Pesquisa em enfermagem, Pesquisa em enfermagem clínica, Pesquisa em enfermagem de prática clínica.

#### \*Corresponding author:

Brisa Emanuelle Silva Ferreira

### ABSTRACT

A participação do enfermeiro como pesquisador é um tema pouco discutido pela enfermagem, por se tratar de um universo diferente da assistência de enfermagem habitual. Assim, este estudo teve o objetivo de conhecer a atuação do enfermeiro na pesquisa clínica em saúde. Realizou-se um estudo qualitativo com nove enfermeiros pesquisadores e que foram identificados através da técnica bola de neve. A coleta dos dados ocorreu através de entrevistas e para a análise utilizou-se a técnica de análise de conteúdo. Verificou-se que o cotidiano do enfermeiro em pesquisa clínica exige planejamento. Dificuldades de abordagem ao usuário sujeito participante da pesquisa, falta de conhecimento dos profissionais de saúde que trabalham em instituições onde estes estudos estão sendo desenvolvidos, demora no processo de autorização para a realização da pesquisa pelos órgãos legais, foram algumas das dificuldades relatadas pelos participantes. Percebe-se que a pesquisa clínica é um tema pouco abordado nos currículos acadêmicos destes profissionais; fato que obriga o enfermeiro a buscar estratégias para obter conhecimento específico para atuar na área.

Copyright © 2022, Carlos Henrique Oliveira Santos et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Carlos Henrique Oliveira Santos, Dorothea Batista Parreiras, Daniela Aparecida Morais, Claudirene Milagres Araújo, Brisa Emanuelle Silva Ferreira, Luciana Alves Silveira Monteiro, Raissa Cunha Mello Friche, Camila Augusta dos Santos. "Atuação do Enfermeiro na Pesquisa Clínica", *International Journal of Development Research*, 12, (04), 55455-55459.

## INTRODUCTION

No Brasil a enfermagem teve seu processo de crescimento científico estruturado na década de 1970, com a instituição de cursos de pós-graduação stricto sensu e a instalação dos grupos de pesquisa em algumas faculdades públicas. Os grupos de pesquisas foram desenvolvidos para atender as necessidades dos programas de mestrado e doutorado, que necessitavam de espaço para discutir os projetos de pesquisa e seus ganhos entre professores, estudantes de graduação e pessoal de apoio técnico (Schweitzer *et al.*, 2012). A trajetória da pesquisa clínica é recente no Brasil, com suas primeiras atividades desenvolvidas na década de 1980. O trabalho na pesquisa clínica pode ser definido como um estudo sistemático que segue métodos científicos aplicáveis aos seres humanos, denominados voluntários ou sujeitos, os quais podem estar saudáveis ou enfermos de acordo com a fase da pesquisa. Seu objetivo é identificar e avaliar as reações adversas e a efetividade do produto em que está sendo estudado (Schmoeller *et al.*, 2011). Em 1999, os profissionais em pesquisa clínica identificaram que o país precisava de uma entidade para representar todos os setores envolvidos nessa área de atuação. Foi então criada a Sociedade Brasileira de Profissionais em Pesquisa

Clínica (SBPPC) que dispõe sobre as diretrizes e normas reguladoras (Maia *et al.*, 2016). A base de um estudo clínico requisita uma equipe multidisciplinar que compreende um médico investigador, médicos sub-investigadores, coordenadores do estudo clínico, pacientes, patronizadores, Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs), órgãos regulatórios do Ministério da Saúde e a indústria farmacêutica ou Organizações de Pesquisa Clínica (ORPC), em inglês Clinical Research Organizations (CROs). O investigador principal, deverá ser um médico ou odontologista, é o profissional responsável pelo gerenciamento da pesquisa clínica. Regulamente, fazem parte da equipe os subinvestigadores que são também médicos ou odontologistas que efetuam ajuda ao investigador e que poderá ser substituído sempre que houver necessidade, além do coordenador do estudo clínico, peça fundamental na coordenação das atividades do estudo (Zucchetti and Morrone, 2012). Atualmente encontramos um cenário novo no ramo de pesquisa, onde os enfermeiros são constantemente desafiados na busca de conhecimento científico a fim de promoverem a melhoria do cuidado ao paciente (Mendes *et al.*, 2008). A inserção do enfermeiro nesse campo é ainda novo, é um tema pouco discutido pela enfermagem, e requer aperfeiçoamento contínuo e trabalho em equipe multidisciplinar por se tratar de um

universo diferente da assistência de enfermagem no âmbito hospitalar ou da saúde coletiva, pois o cotidiano do trabalho do enfermeiro em pesquisa clínica é diferente do modelo habitual, o assistencial (Schmoeller *et al.*, 2011). A pesquisa e a elaboração do entendimento na área de enfermagem atribuem-se uma prioridade estratégica em todo o mundo. Com essa perspectiva que os grupos de pesquisa estabelecem a base para esse serviço e esforço coletivo, proporcionando a ampliação da elaboração do conhecimento, a captação de novos talentos diversas áreas, desde estudantes tal iniciação científica inclusive mestrado e doutorado nos programas de pós-graduação (Oliveira, 2010). Diante dessa situação, faz-se o seguinte questionamento: Como se dá a atuação do enfermeiro em um campo de pesquisa clínica? A prática obtida pelo profissional de enfermagem durante os anos é de suma importância em uma coordenação de pesquisa clínica, pois, as funções exercidas são fundamentadas no seu grau de conhecimento. O enfermeiro é responsável pela gestão operacional das ações envolvidas na direção de um projeto, e deverá ter um olhar para o cenário geral do desempenho do centro de pesquisa (Maia *et al.*, 2016). Com a propagação cada vez mais abrangente do tema no Brasil, diversos pacientes esperam e depositam expectativas na participação dos estudos para doenças ainda sem conduta determinada (Associação Brasileira das Organizações Representativas de Pesquisa Clínica [ABRACRO], 2018). A inserção do enfermeiro dentro da equipe multidisciplinar de pesquisa clínica é um assunto pouco discutido pela enfermagem. A pesquisa clínica representa um método de grande valia, pois o resultado alcançado dessa criação contribui para a ampliação ininterrupta das práticas de enfermagem. Sendo assim, o objetivo deste estudo é conhecer a atuação do enfermeiro na pesquisa clínica em saúde.

sujeitos participantes deste estudo foram nove enfermeiros atuantes na área de pesquisa clínica que concordaram em participar e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Para a seleção destes, foi utilizado a “técnica da Bola de Neve”, que, segundo Vinuto (2014), é um modelo não probabilístico, que recorre cadeias de referência. Isto é, participantes iniciais nomeados de “sementes” ajudam o pesquisador a iniciar seus contatos, indicam novos participantes a partir de sua própria rede pessoal com as características desejadas e assim sucessivamente até que se atinja o ponto de saturação, ou seja, não há novos nomes oferecidos ou os nomes encontrados não trazem informações novas ao quadro de análise. A coleta ocorreu no período compreendido entre março a maio de 2019, após a aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Belo Horizonte (UNIBH) sob o nº 3.207.111. Foi construído um roteiro para a caracterização dos participantes, e para responder o objetivo do estudo foram elaboradas as seguintes questões: 1. “Qual a contribuição que a pesquisa clínica pode proporcionar ao profissional de enfermagem? ”; 2. “Quais as dificuldades relacionadas a pesquisa? ”; 3. “Como é o cotidiano de um enfermeiro na pesquisa clínica? ”

A coleta dos dados ocorreu através de entrevista semiestruturada, teve duração média de 30 minutos e foi realizada em um local reservado, definido pelo participante. Utilizou-se um gravador para a coleta das informações. Os dados coletados foram submetidos a análise de conteúdo, sem a pretensão de priorizar um autor específico desta análise. Optou-se por tratar os dados utilizando os componentes básicos desta técnica, conforme descrito por Campos (2004), que diversos autores denominam muitas vezes com outros termos, mas que de uma forma geral são comuns a maioria (Tabela 1).

**Tabela 1. Passo a passo da análise dos dados coletados do estudo. Belo Horizonte, 2019**

FASE <sup>1</sup>	DEFINIÇÃO <sup>1</sup>	AÇÃO EXECUTADA
Pré exploração do material	Fase de organização dos dados	Separação das entrevistas coletadas; Transcrição destas na íntegra e “leitura flutuante”; Realizado várias leituras de todo o material transcrito para se conhecer o contexto, sem nenhum compromisso objetivo de categorização ou sistematização; Tentou-se entender de uma forma geral as ideias principais relacionadas pelos participantes.
Seleção das unidades de análise	Palavras, sentenças, frases, parágrafos ou textos completos de entrevistas.	Escolhidos os recortes sentenças, frases ou parágrafos que foram utilizados para a análise, tendo como referência o objetivo do estudo.
Categorização e sub-categorização	Caracterização dos recortes em grandes enunciados que abarcam um número variável de temas, segundo seu grau de intimidade ou proximidade e que possam através de sua análise exprimirem significados	Definido as categorias: 1. “O cotidiano do enfermeiro na pesquisa clínica: atuação e dificuldades” 2. “A importância e a qualificação do profissional dentro da pesquisa clínica”

## MÉTODOS

Foi realizada uma pesquisa exploratória, com abordagem qualitativa que se atenta, nas ciências sociais, com um padrão de realidade que não pode ser quantificado. Isto é, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que condiz a um espaço mais profundo das relações, dos métodos e dos fenômenos que não podem ser mínimos à operacionalização de circunstâncias (Minayo, 2014). Desta forma, a pesquisa qualitativa nos estudos avaliados destaca um olhar diferenciado para a prática da enfermagem, um momento que expande suas perspectivas ao considerar a complexidade e diversidade do indivíduo. Ao proporcionar visualizar o invisível no visível, atendendo a percepção da subjetividade do outro, consegue-se perceber os fenômenos de interesse para o serviço que ajudarão na ampliação e construção do entendimento, tal como fortalecerá na ampliação o seu papel social. Englobar os padrões primordiais do conhecimento de enfermagem significa a possibilidade de aumentar a percepção sobre a complexidade e diversidade do conhecimento, nesta situação justapor ao papel social das pesquisas qualitativas (Lacerda and Labronici, 2011). A pesquisa não foi vinculada a nenhuma instituição, os

O estudo seguiu todas as recomendações de acordo com a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) sobre pesquisa envolvendo seres humanos e foi aprovado pelo Comitê de Ética do Centro Universitário de Belo Horizonte (UniBH) sob o nº 3.207.111. O TCLE levou em consideração o que está preconizado na Resolução 466/2012 e ratificou a preservação dos dados dos participantes, o sigilo e o anonimato dos indivíduos envolvidos.

## RESULTADOS

Participaram deste estudo 9 enfermeiros. Destes, 88,9% dos entrevistados eram do sexo feminino, com um tempo de graduação variando entre um ano a vinte e cinco anos (Tabela 2).

### *O cotidiano do enfermeiro na pesquisa clínica: atuação e dificuldades*

No momento da pesquisa os enfermeiros entrevistados relataram como é o cotidiano e as atribuições de um enfermeiro em um centro de pesquisa:

Tabela 2. Caracterização dos sujeitos participantes do estudo. Belo Horizonte, 2019

Identificação	Sexo	Idade	Tempo de Formado (anos)	Pós-graduação	Tempo de Atuação	Tempo na Empresa
E1	M	31	9	Educação pedagógica	7	7
E2	F	57	25	Administração hospitalar, Resíduos Hospitalares e Pesquisa Clínica	9	28
E3	F	50	25	Programa de Saúde da Família, Educação e Pesquisa Clínica	13	13
E4	F	40	9	Terapia Intensiva no adulto e Pesquisa Clínica	8	9
E5	F	31	9	MBA, Auditoria em Qualidade da Saúde	6	6
E6	F	30	4	Oncologia	3	3
E7	F	29	5	Nenhuma	1	1
E8	F	34	12	Doutorado em Infectologia, Mestrado em Medicina Tropical, Auditoria	12	4
E9	F	24	1	Nenhuma	2	2

o cotidiano do enfermeiro em pesquisa clínica primeira coisa é planejamento porque tudo na pesquisa clínica é muito redondo, é demarcado, então nosso cotidiano é planejamento . . . a partir daí a gente planeja em cima do protocolo e da agenda, a gente assumi o participante para a pesquisa, nós temos outra atividade, que é o que? Que é de avaliação de enfermagem sobre aquele participante, nosso monitoramento, nosso cuidado . . . um enfermeiro de pesquisa é um pouco diferente do assistencial. (E1)

a pesquisa você trabalha com essa ética . . . A gente tem muita questão burocrática, registra documentações, banco de dados que tem que jogar, e isso tudo tem seu tempo, pode ser líder de equipes, coordenador, outros são somente enfermeiros de pesquisa que é meu caso, eu fico mais responsável na parte clínica, assistencial quando tem aferição de dados, uma coleta de sangue. (E3)

Os enfermeiros enfatizam que é um cotidiano bem corrido e que tudo dentro de um centro de pesquisa necessita de muito planejamento e de responsabilidade:

Corrido, bem corrido, não sei se é porque aqui é um centro muito grande a gente tem bastante paciente, mas é correria de manhã e a tarde. Bem corrido, é são coisas diferentes do que a gente faz na assistência. (E9)

é de grande responsabilidade, claro o enfermeiro qualquer papel que ele assume ele tem que ter muita responsabilidade, mas acredito que seja talvez o receio maior também do enfermeiro, porque ta todo mundo lidando com um produto que esta em investigação. (E4)

Os enfermeiros salientam que é necessário que a enfermagem conheça as diferentes responsabilidades de cada pessoa envolvida no estudo, e que uma das grandes dificuldades do cotidiano é a forma do paciente pensar no “ser cobaia” :

hoje em dia as dificuldades é até mesmo pelo usuário de estar aproximando e de estar entrando no protocolo, porque fica com aquele olhar de “cobaia” então tem essa dificuldade . . . tem pacientes que não entram no protocolo porque as vezes “vou ser cobaia?” e não entende que sempre vai ter por mais que se testar medicamento ele vai ter medicamento base, nunca o paciente um participante vai ficar sem tratamento. (E1)

Eu acredito que ainda existem algumas coisas culturais, mas que já melhoraram muito na questão da cobaia, que as pessoas ainda, eu digo assim as pessoas que não tem acesso mesmo, ainda tem aquele preconceito da cobaia e a gente sempre tenta se desmistificar isso. (E3)

Existem esse preconceito ainda de cobaia né, que parece que a gente tá usando a pessoa. Na verdade, não é! Primeiro lugar visa a segurança do participante tanto que existe os comitês de ética,

justamente para avaliar essa questão de benefício e segurança do participante. Então eu acho que a dificuldade é essa. (E4)

Ao desmembrar a pergunta notamos que um dos enfermeiros falava sobre o preconceito que área da pesquisa tem tanto em meio profissional, quanto em a meio a população:

É quanto a dificuldade tem a questão da hierarquia medica, as vezes é, nós temos o conhecimento do mesmo protocolo, tanto a gente que é da coordenação que é da enfermagem, temos o mesmo conhecimento do mesmo protocolo assim como médico e então as vezes discorda das coisas e mas vai valer o que ele falar. (E6)

Um dos enfermeiros expõem que uma das dificuldades é falta de conhecimento e a falta de preparo de quem trabalha na instituição:

as dificuldades é essa falta de conhecimento, a falta de conhecimento de quem trabalha na instituição fora da área de pesquisa clínica em entender as questões da pesquisa, o rigor da pesquisa, como que funciona as boas práticas em pesquisa clínica que não são divulgadas. (E2)

Os Enfermeiros citam que dentro da pesquisa clínica a burocracia e a demora referente ao Comitê de Ética em Pesquisa, Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CEP-CONEP) e a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) são umas das maiores dificuldades encontrados no cotidiano da pesquisa:

uma maneira geral a gente tem uma dificuldade da pesquisa clínica dentro do nosso país é a questão do regulatório burocrático, e a gente tem uma nosso tempo de aprovação de pesquisa de uma maneira geral e dentro da pesquisa clínica é um tempo muito demorado . . . aqui a gente demora 1 ano para aprovar e na hora que aprova aqui as vezes o recrutamento desse trabalho vai ta acabando. (E5)

a ANVISA as vezes demora para aprovar, mas por exemplo antes nós tianhamos uma demora no sistema CEP-CONEP que não existe mais. (E8)

a gente tem essa parte de regulatório é mais complicado porque demora um pouquinho uma pesquisa ser aprovado, normalmente a CONEP ela demora o tempo de avaliação e ANVISA também. (E9)

Para os profissionais a pesquisa clínica é um setor de atuação da enfermagem onde se tem que ter ética, responsabilidade e muito planejamento, pois envolve seres humanos e tem como objetivo pesquisar novos medicamentos, novos procedimentos de diagnóstico e terapia, dentre outros. Para que um estudo clínico seja aprovado pelo CEP-CONEP e pela ANVISA é tão lenta que quando sai a autorização para iniciar a pesquisa, muitas vezes é tarde demais. O cuidado de enfermagem prestado ao paciente de protocolos clínicos baseia-se em uma atuação diferenciada. Para os enfermeiros a pesquisa clínica é um campo que ainda sofre por dificuldades e

preconceitos tanto entre os profissionais que não atuam na área, tanto quanto da população. Por ser um campo pouco discutido e desconhecido entre a população e alguns profissionais a pesquisa clínica é um poló muito amplo, assim a falta de conhecimento torna a pesquisa um campo que ainda sofre por preconceitos.

### **A importância e a qualificação do profissional dentro da pesquisa clínica**

Ao serem entrevistados os Enfermeiros relataram sobre a importância de aprimorar os procedimentos para ter qualidade no atendimento prestado ao estudo:

O olhar do profissional enfermeiro de pesquisa clínica difere dos demais pelo rigor, deveria ser o rigor no SUS hoje atualmente . . . até mesmo pelo acompanhamento com o paciente para pesquisa participante ter esse rigor que é diferencial, esse critério que é diferenciado, por nós profissionais atuantes na pesquisa clínica, então traz benefício de apuração, é benefício de conhecimento também de doenças, de tratamentos. (E1)

Um modo geral ela vai trazer benefícios de tratamento . . . Vai melhorar a possibilidade da enfermagem, é fazer um cuidado de qualidade . . . a pesquisa clínica pode interferir nessa forma de cuidado da enfermagem, pode propiciar a enfermagem um cuidado mais apurado. (E2)

Proporciona também a você ver a importância da pesquisa clínica para a qualidade de vida dos indivíduos no serviço de saúde e a redução também da morbidade e mortalidade das medicações. (E7)

Os profissionais salientam que a qualificação na pesquisa irá proporcionar um melhor conhecimento para o estudo e potencializando seu domínio de conhecimento e sua essência de cuidador:

Pelo menos na minha época não tinha nenhuma disciplina direcionada ou voltada para essa área de pesquisa clínica, acho que é adquirir esse conhecimento, transferir essas experiências para outros profissionais. (E4)

Então eu tô achando assim, é campo grande, enfermeiro tem uma autonomia, método de um centro de pesquisa, ele tem toda uma função, uma responsabilidade, desde coexistir uma coordenação e também a nível de assistencial voltado para pesquisa. (E3)

O enfermeiro que vem para pesquisa clínica ele tem que passar por diversas adaptações, assim a rotina nossa é diferente que acontece dentro do hospital . . . ele tem que adaptar muito rotina dele para realidade da pesquisa, e de cada estudo. (E6)

A importância do profissional na pesquisa clínica requer um fundamento ético envolvido na condução de estudos clínicos em seres humanos. O cuidado de enfermagem prestado ao paciente de protocolos clínicos baseia-se em uma atuação diferenciada onde o enfermeiro requer aperfeiçoamento e rigor no cuidado prestado por se tratar de um processo que há um risco eminente ao paciente.

## **DISCUSSÃO**

O cotidiano do profissional de enfermagem que atua na pesquisa clínica é diferente do que geralmente esses profissionais vivenciam quando assistem pacientes que não fazem parte de algum estudo. Mas ainda sim exige a mesma responsabilidade e cuidado. Refere-se um campo de atuação muito novo e interessante, pois, requer aprimoramento contínuo e trabalho em equipe multidisciplinar, com uma boa comunicação entre todos os integrantes. Entretanto, é observado que o enfermeiro possui responsabilidades ainda não padronizadas, substancial à condução de um ensaio clínico, como captação de pacientes, orientações durante a intervenção e sua monitorização até a conclusão do estudo (Aguiar and Camacho,

2010). A fim de que a enfermagem evolua enquanto ciência e para que o padrão do cuidado prestado seja cada vez mais aprimorado, é necessário ter conhecimentos que evidenciem as intervenções de enfermagem no método de cuidar. Para isto, é indispensável a condução de pesquisa clínica que teste e avalie intervenções de enfermagem, assim sendo novas ou aquelas utilizadas praticamente há anos (Vasques, 2016). É preciso uma junção entre o trabalho da enfermagem assistencial e da enfermagem pesquisadora para que a pesquisa clínica seja bem-sucedida. Dentre as dificuldades em que a pesquisa clínica se encontra, está a sobrecarga de trabalho do enfermeiro assistencial quando não há um enfermeiro pesquisador para auxiliá-lo, desta forma, não há diminuição das atividades assistenciais. Assim poderá ocorrer sentimentos de frustração e ressentimento do enfermeiro assistencial que se torna menos colaborativo. A falta de reconhecimento da importância do trabalho realizado pelo enfermeiro na pesquisa clínica é ainda um grande problema (Camargo, 2002). Para proporcionar a participação ativa de cada membro de uma equipe de investigação que se atribui os estudos clínicos em todo processo, é preciso um período de capacitação, seja para adaptação com as ferramentas de trabalho ou com os protocolos de controle para investigação. Este andamento inicial é significativo para proporcionar credibilidade aos resultados, interrompendo, ao máximo (Cabral *et al.*, 2015).

Uma etapa relevante na formação do investigador do estudo é a elaboração do documento para submissão ao CEP, é dessa maneira que a pesquisa clínica se aplica, devido ser um grupo vulnerável cuja exposição pode ocorrer a partir da sua seleção até a pós-coleta de dados, cautela deve ser oferecida ao ambiente onde será desempenhada a pesquisa, assegurando a privacidade e conforto. O pesquisador detém formação para explorar o espaço e, caso necessário, providenciar adaptações. A experiência relatada refere-se de um ambiente diferente da prática assistencial específica, tratando de uma experiência de superação de limites pessoais e teóricos, destinando à questão do despreparo na formação do enfermeiro para desenvolver os serviços do estudo. (Cabral *et al.*, 2015). A educação, o cuidado, o gerenciamento e a liderança são funções particulares da enfermagem, do qual o enfermeiro carece de uma experiência cheia de conhecimentos e habilidades para exercer suas funções. Dessa forma, os conhecimentos não poderão continuar parados, mas em constantes descobertas. Através da pesquisa será viável produzir, aperfeiçoar e aprofundar estes conhecimentos e sua aplicação possibilitará uma melhor qualidade no desempenho do enfermeiro em prol do paciente. Evidenciar a compreensão dos enfermeiros, dos acadêmicos e dos docentes sobre pesquisa clínica pode consolidar o método de iniciação científica dos estudantes de graduação. Trazendo vantagens na atuação, na valorização e no desenvolvimento profissional (Ferrigolo *et al.*, 2011). A experiência obtida pelo profissional de enfermagem no passar dos anos é de suma importância para gerenciar uma coordenação de pesquisa clínica, uma vez que as práticas exercidas são fundamentadas no seu grau de conhecimento. O enfermeiro é responsável pela direção operacional das ações envolvidas no comando de um projeto de pesquisa, e deverá ter um olhar para o cenário geral do funcionamento de um centro de pesquisa, auxiliando o investigador principal a executar as exigências metodológicas e éticas, delegando funções e coordenando sua execução (Maia *et al.*, 2016).

## **CONCLUSÃO**

Embora existam poucas publicações inerentes ao enfermeiro atuante na pesquisa clínica, observou-se que é um campo da saúde que está em ascensão no Brasil. Muitas pesquisas vêm sendo realizadas em nosso país e o enfermeiro é um profissional essencial para a realização destes estudos. Foi permitido constatar que o enfermeiro com os conhecimentos técnico-científico adquirido em sua formação acadêmica e as suas capacidades clínicas e assistenciais é um profissional com perfil para atuar em pesquisas clínicas. Contudo, nota-se um déficit na sua formação acadêmica referente aos conceitos éticos que regulam uma pesquisa clínica, demonstrando ser um assunto ainda pouco discutido em sua formação, o qual obriga este

profissional buscar estratégias para obter conhecimento específico para atuar na área. Percebe-se que na prática o enfermeiro assume responsabilidades ainda não padronizadas, e que há uma carência de publicações referentes a atuação do enfermeiro na pesquisa clínica, tornando o cenário de atuação um desafio para os profissionais dessa área. Esperamos que esta pesquisa possibilite a realização de novos estudos abordando o cotidiano e a atuação do enfermeiro em pesquisa clínica visando ser um incentivo da inserção desse contexto nos currículos de graduação de enfermagem, promovendo assim novos profissionais de enfermagem voltados a pesquisa clínica.

## REFERÊNCIAS

- Associação Brasileira das Organizações Representativas de Pesquisa Clínica. 2018. *O que é pesquisa clínica?* Disponível em: <http://www.abracro.org.br/ptbr/pesquisa-clinica/pesquisa-clinica-o-que-e>
- Aguiar, D. F., & Camacho, K. G. 2010. O cotidiano do enfermeiro em pesquisa clínica: um relato de experiência. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 44(2), pp. 526-530.
- Cabral, L. P. A., Scheeren, E. M., & Cubas, M. R. 2015. Participação do enfermeiro na execução de protocolo de pesquisa clínica de inovação tecnológica. *Revista da Escola de Enfermagem USP*, 49(5), pp. 834-838.
- Camargo, T. C. 2002. A participação do enfermeiro em ensaios clínicos: uma revisão da literatura. *Revista Brasileira de Cancerologia*, 48(4), pp. 569-578.
- Campos, C. J. G. 2004. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 57(5): pp. 611-614.
- Ferrigolo, R., Giordani, E. M., & Soares, N. M. 2011. A pesquisa na universidade e a formação profissional do enfermeiro. *Congresso Internacional Responsabilidade e Reciprocidade*, 1(1), 563-566.
- Lacerda, M. R., & Labronici, L. M. 2011. Papel social e paradigmas da pesquisa qualitativa de enfermagem. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 64(2), pp. 359-364.
- Maia, A. L. F., Petronilho, J. S., Inácio, L. V., Caldas, R. F., Siqueira, T. P. M.,
- Sá, J. S., & Guerra, H. S. 2016. Pesquisa clínica: enfermeiro coordenador. *Disciplinarum Scientia*, 17(2), pp. 191-204.
- Mendes, K. D. S., Silveira, R. C. C. P., & Galvão, C. M. 2008. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto & Contexto-Enfermagem*, 17(4), pp. 758-764.
- Minayo, M. 2014. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde* (14a ed.). Hucitec.
- Oliveira, A. C. 2010. A trajetória do pesquisador em enfermagem. *Revista Mineira de Enfermagem*, 14(1), pp. 11-18.
- Schmoeller, R., Trindade, L. L., Neis M. B., Gelbcke, F. L., & Pires, D. E. P. 2011. Cargas de trabalho e condições de trabalho da enfermagem: revisão integrativa. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 32(2), pp. 368-377.
- Schweitzer, M. C., Backes, V. M. S., Prado, M. L., Lino, M. M., & Ferraz, F. 2012. Grupos de pesquisa em educação em Enfermagem: linhas de pesquisa e produção científica em três regiões do Brasil. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 65(1), pp. 332-338.
- Vasques, C. I. (2016). A importância da pesquisa clínica para o avanço da enfermagem. *Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro*, 6(1).
- Vinuto, J. 2014. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, 22(44), pp. 203-220.
- Zucchetti, C., & Morrone, F. B. 2012. Perfil da pesquisa clínica no Brasil. *Clinical and Biomedical Research*, 32(3), pp. 340-347.

\*\*\*\*\*